

“Nossas coleções pertencem a vocês também”: uma análise da exposição *Objects of Wonder* do National Museum of Natural History

Rebeca Bombonato*

BOMBONATO, Rebeca. “Nossas coleções pertencem a vocês também”: uma análise da exposição *Objects of Wonder* do National Museum of Natural History. R. Museu Arq. Etn. 39: 111-127, 2022.

Resumo: Para quem são feitos os museus? Esta pergunta causa grandes debates dentro da sociedade civil, mas como os museus abordam esse tema? Os museus foram criados para serem visitados, para se comunicarem com o público e para serem locais de troca de experiências. Além de promover atividades de pesquisa e preservação, eles também comunicam os conhecimentos gerados a partir de pesquisas científicas. As inúmeras pesquisas realizadas em museus contribuem para o desenvolvimento dos saberes humanos, mas qual seria o real alcance desse conhecimento? Permaneceria ele contido dentro dos muros dos museus e das universidades? É pensando nesse alcance que trazemos a exposição *Objects of Wonder* ao National Museum of Natural History, em Washington, DC. Aberta para visitação presencial em 2017, esta exposição tem por objetivo discutir com o visitante sobre a origem e os usos dos objetos que fazem parte das coleções sob a guarda do Museu. Ao se valer de vitrines temáticas, a exposição apresenta ao visitante os diferentes departamentos do Museu e discute o processo de geração de conhecimento por meio de suas coleções. O presente artigo analisa a exposição, de sua estrutura aos discursos envolvidos, com especial ênfase na função comunicacional dos museus.

Palavras-chave: Objects of Wonder; Exposição; National Museum of Natural History; Comunicação museológica.

Introdução

Como um museu adquire os objetos que constituem suas coleções? Como esses acervos são utilizados pelos pesquisadores? A quem essas coleções pertencem? Perguntas como essas são mais frequentes do que se

imagina. A vida nos museus continua um enigma para a maior parte da população mundial, mesmo em um mundo globalizado e apesar da existência de plataformas digitais de acesso a coleções museológicas. Embora pareçam ser questionamentos simples, grande parte da população, seja ela composta ou não por frequentadores de museus, desconhece a formação de coleções ou mesmo seus usos dentro da instituição – pesquisadas no próprio museu; pesquisadas por outras instituições acadêmicas por meio de consultas e parcerias;

*Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). <becabombonato@gmail.com>

ou coleções armazenadas a espera de estudo. Esses questionamentos sobre o funcionamento do museu são, por vezes, subestimados por seus profissionais, embora a instituição ocupe parte do imaginário popular, sobretudo na sociedade ocidental.

Por muito tempo, os museus de história natural se valiam do *status* de “catedrais da ciência” (Sheets-Pyenson 1986), um local onde os visitantes frequentavam com a expectativa de receber passivamente parte desse conhecimento. Esse posicionamento distanciado por parte dos museus criou gerações de pessoas que enxergam essas instituições como algo externo ao seu cotidiano ou desconectado de um sentimento de pertencimento. A vida restrita e “secreta” que dentro dos museus continua sendo um tema rodeado de mistério e curiosidade, chegando a ser abordado até mesmo na cultura pop (como nos filmes *Uma noite no museu* e na série de televisão *Friends*). Contudo, não é no imaginário popular que o presente artigo está, mas nas iniciativas recentes dos museus que buscam superar a distância existente entre a instituição e o público, sobretudo no que diz respeito à curadoria de coleções. Assim, examina-se aqui uma exposição temporária do National Museum of Natural History, em Washington, DC, para servir como exemplo de ações que propõem novas bases dialógicas a partir do trabalho em museus.

A dinâmica entre os museus e seus visitantes passou por diversas mudanças ao longo do século XX (Cury 2005). O entendimento dos museus como as “universidades do povo” (Hooper-Greenhill 1994: 2) é aos poucos substituído, e os museus do século XXI têm se engajado em um exercício de reinterpretação própria, principalmente sobre sua função educativa. Essa função pode ser melhor abordada quando se pensa no papel dos museus com base na preservação, pesquisa e comunicação (Weil 1990). Cury (2005) lembra que essa base se amplia para uma responsabilidade social única.

Embora a conservação e a pesquisa sejam vitais para o funcionamento e continuidade dessas instituições, a comunicação museológica (exposição, educação e outros meios) é o

principal ponto de contato com os visitantes. É por meio da comunicação que o museu se apresenta para a sociedade, evidencia sua relevância e gera trocas de conhecimentos entre diferentes membros da sociedade civil, segmentações sociais organizadas em torno de questões identitárias.

A função comunicacional dos museus está centrada nas exposições museológicas e nas ações educativas. Entretanto, na prática, a ênfase recai nas exposições, tendo em vista seu potencial na geração de outros programas. As novas posições que a comunicação museológica alcançou ao longo dos anos podem ser vistas como resposta às novas teorias de representação e às novas demandas socioeconômicas, gerando um questionamento sobre o propósito dos museus. Segundo Ferguson (1996: 131), a exposição como discurso material deve falar com voz sensível aos anseios do público por uma distância cultural adequada a partir da qual é possível aprender e desfrutar de uma versão democrática do significado.

Para Davallon (2010: 17), um pesquisador da comunicação museológica na perspectiva da semiótica, a exposição é uma reunião de objetos destinados a um público e atende a uma ideia ou intenção. Essa ideia, que corre por trás de uma exposição, pode ou não ser explícita ao visitante, constituindo-se sempre em uma interpretação institucional do patrimônio em exibição. Os objetos devem ser considerados relevantes para contribuírem com a narrativa proposta pelos desenvolvedores da exposição. Dias (2019) lembra que a organização de uma exposição pressupõe a atribuição de valor aos objetos expostos. Para a autora, o museu atribui novos significados aos seus objetos por meio da narrativa apresentada na exposição, sempre com uma intenção. Um dos maiores desafios a serem enfrentados pelos museus no século XXI deve ser a dinamização de seus acervos e o estabelecimento de novos canais de comunicação. Segundo Bencherit (2010: 13), “espera-se dos museus, enquanto produto que são, a criação do homem, que suas ações demonstrem uma clara preocupação em interagir com o público”.

Em um movimento recente de aproximação com os visitantes e comunidades próximas, diferentes museus ao redor do mundo desenvolveram exposições para abordar a própria rotina da instituição. Esses museus variam em tipologia – podendo ser museus de arte, de história natural ou arqueológicos – e estão presentes nos mais diversos países, mas todos têm o mesmo objetivo: aproximar o visitante da instituição. Entre essas instituições estão o Smithsonian Castle e o American Museum of Natural History, ambos dos Estados Unidos, o Museum für Naturkunde, da Alemanha, e o Museu Paulista. Todas essas instituições estão entre as principais em seus países e têm grande foco em atividades de pesquisa.

É nessa perspectiva que o presente artigo apresenta a exposição temporária *Objects of Wonder: From the Collections of the National Museum of Natural History*, aberta ao público em 2017 no National Museum of Natural History em Washington, DC. Neste artigo, realiza-se uma discussão sobre a exposição por meio da metodologia de estudo de exposições desenvolvida por Leilane de Lima (2016; 2020), que analisa o espaço físico da exposição e do museu, do conteúdo exposto neste espaço (de temas aos recursos utilizados) e das escolhas estéticas, considerando a exposição nas suas partes e nas articulações entre elas e os recursos adotados. Foram realizadas diferentes visitas à exposição entre maio e agosto de 2017, pouco depois de sua inauguração, quando também foram realizados os registros fotográficos apresentados neste artigo. A modalidade online da exposição também é trazida neste artigo, apesar de com menor ênfase do que sua versão física.

O National Museum of Natural History

Em primeiro lugar, é necessário compreender o museu no qual a exposição foi desenvolvida e onde ela está disponível ao público. O National Museum of Natural History ocupa um lugar de destaque desde sua criação no National Mall (avenida central em

Washington, DC, que liga a Casa Branca ao Congresso Nacional). Nesta avenida, estão os museus nacionais pertencentes à Smithsonian Institution – fundada em 1846 pelo ato legislativo do Senado, com fundos deixados pelo químico James Smithson (Oehser & Heskett 2019). Durante seus primeiros anos, as coleções de história natural, etnologia e artes eram abrigadas e expostas ao público no edifício Smithsonian (atualmente chamado de Smithsonian Castle) como uma instituição única, o National Museum (Smithsonian Institution 2021a).

Em 1881, devido ao crescimento das coleções, o museu foi transferido para o então recém-inaugurado edifício vizinho (hoje conhecido como Arts and Industries Building), onde permaneceu até uma nova mudança de edifício devido a novos problemas de armazenamento. A sede atual do museu foi aberta ao público em 1910, mas concluída apenas em 1911 (Smithsonian Institution 2021a). Em 1969, o museu foi renomeado como National Museum of Natural History (NMNH), uma instituição com foco em coleções antropológicas e de história natural – as outras coleções foram separadas e se tornaram museus independentes. Atualmente, o museu abriga uma coleção com cerca de 126,5 milhões de espécimes e artefatos, armazenados tanto no museu quanto no centro de suporte secundário de coleções (o Museum Support Center), em Maryland.

Os museus nacionais, como o NMNH, têm importância especial na vida de um país. Suzanne Keene (2005) nos lembra que estes são símbolos da cultura, conhecimento e orgulho nacionais, além de refletirem episódios coloniais históricos e conquistas. A autora também lembra que em geral estes museus nacionais são uma reunião de museus especializados, assim como é o caso dos dezenove museus e galerias da Smithsonian Institution. Devido a essa importância, que alcança o próprio conceito de identidade nacional, os acervos desses museus costumam ser constituídos por vastas coleções, com itens significativos que corroboram a narrativa proposta pela instituição (Keene 2005).

Entretanto, essas trajetórias são pouco conhecidas. O grande público dos museus nacionais – e, na verdade, de quase todos – não conhece como as coleções museológicas foram formadas e reunidas ou como é a vida dos objetos dentro da instituição. Por esse motivo, os museus se tornam algo distante e fora da realidade dos visitantes. Apesar disso, muitas de suas coleções contêm objetos considerados tesouros nacionais, que fazem parte da história do país e ocupam lugar no imaginário popular.

Antes de abordar o NMNH, é importante lembrar a diferença de acervo que existe entre os museus de história natural na Europa e os museus nas Américas. Na Europa – berço deste tipo de instituição –, as primeiras coleções de história natural englobavam tanto o mundo natural quanto o mundo humano, com coleções de antropologia e arqueologia expostas junto às coleções de zoologia e geologia.

Entretanto, a partir do século XIX, alguns museus passaram a separar as coleções naturais das coleções antropológicas devido à falta de espaço para o armazenamento delas. Essa divisão tentava ordenar as extensas coleções e eventualmente originou novos museus, como é o caso do British Museum, que, no próprio século XIX, separou e enviou suas coleções naturais para outro espaço de exposições, em Kensington, instituição hoje conhecida como Natural History Museum, em Londres (Livne 2016). Contudo, durante meados do século XIX, ocorreu uma diferenciação entre as culturas ocidentais e as não ocidentais, estas entendidas como primitivas e incivilizadas, mais próximas do “homem em estado de natureza” (Livne 2016: 6). Em um primeiro momento, os objetos por elas produzidos foram realocadas junto às coleções naturais.

Diferente das instituições na Europa, os museus das antigas colônias americanas não sofreram, em sua maioria, essa divisão. Os grandes museus de história natural dos Estados Unidos, por exemplo, mantêm até hoje um departamento de antropologia, embora tenham ocorrido separações pontuais de acervos para a criação de outras instituições – como é o caso da separação com o acervo de

origem indígena presente na Smithsonian Institution, reunido no National Museum of the American Indian (Bombonato 2020). Também é importante lembrar que, diferente dos museus nacionais da Europa, os museus nacionais das Américas engrandeciam as riquezas naturais da terra e serviram como ferramenta de afirmação nacional depois do período colonial (Bergeron 2010).

Representando esse entendimento estão as onze exposições de longa duração do NMNH: *African Voices*; *Bone Hall*; *Butterfly Pavilion*; *David H. Koch Hall of Fossils (Deep Time)*; *David H. Koch Hall of Human Origins*; *Eternal Life in Ancient Egypt*; *Janet Annenberg Hooker Hall of Geology, Gems and Minerals*; *Kenneth E. Behring Family Hall of Mammals*; *O. Orkin Insect Zoo*; *Birds of DC*; e *Sant Ocean Hall*, além de diversas exposições temporárias, como a *Objects of Wonder*. O museu também tem um setor de produção e fabricação das exposições, responsável por grande parte das exposições – as exceções são exposições itinerantes que o museu recebe e peças de mobiliário mais complexas que são produzidas sob encomenda por empresas especializadas.

As exposições de longa duração e temporárias também são representativas dos diferentes departamentos que compõem o museu: antropologia; botânica; entomologia; zoologia de invertebrados; zoologia de vertebrados; ciências mineralógicas; e paleobiologia. Cada departamento tem pelo menos uma exposição na qual podem ser colocadas em destaque as principais e mais recentes pesquisas realizadas por seus laboratórios. As exposições temporárias são em sua maioria produzidas entre diferentes departamentos do museu a partir de propostas interdisciplinares que demonstrem o real estado do mundo natural e humano.

É nesse ponto que está a exposição *Objects of Wonder*, que traz objetos pertencentes aos diferentes departamentos do museu em uma narrativa sobre as coleções do NMNH e sua utilização fora das exposições. Neste artigo, o foco será nos objetos oriundos das coleções antropológicas (que englobam também as disciplinas da arqueologia e da

etnologia) do museu, que variam de cerâmicas indígenas, armaduras de samurais e máscaras cerimoniais africanas.

Maravilhando o visitante: *Objects of Wonder*

Conforme comentado, a exposição *Objects of Wonder* foi inaugurada em março de 2017 e ocupa uma grande sala no segundo andar do NMNH, reservada para as exposições temporárias. A exposição continuaria disponível para visitação até 2019, mas foi prolongada até 2020 devido ao sucesso de público. Contudo, assim como todos os outros museus, a pandemia da covid-19 obrigou a Smithsonian Institution a anunciar o fechamento de todos os seus museus a partir de 14 de março de 2020.

Para manter a programação do museu, mesmo enquanto as suas portas estivessem fechadas, o NMNH aprimorou o sistema de tour em realidade virtual¹ de todas as exposições temporárias e de longa duração disponíveis naquele momento. O tour virtual – aplicado em uma exposição naquele museu pela primeira vez em 2008 – possibilita uma visita simulada por todo o espaço das quinze exposições (temporárias e de longa duração), e está disponível no site do museu.

A exposição visa apresentar os bastidores do museu e a diversidade das coleções do Smithsonian, que inclui, além das coleções formadas pelas coletas em campo por pesquisadores do museu, itens confiscados por apreensões realizadas pelo governo dos Estados Unidos (oriundos de tráfico internacional), presentes diplomáticos recebidos pelo governo e deixados aos cuidados da Smithsonian Institution, e doações de colecionadores particulares. As informações sobre estes itens de

diferentes origens são apresentadas ao visitante na própria exposição conforme os objetos aparecem. Em *Objects of Wonder*, o circuito de visitação é composto por um percurso com as coleções de diferentes disciplinas colocadas lado a lado.

Antes de entrar na exposição, os visitantes entram no jardim interno, localizado no segundo andar do museu. Nas paredes externas, próximo ao jardim, os visitantes têm o primeiro contato com a proposta e conteúdo da exposição. Algumas vitrines propõem reflexões e questionamentos sobre a origem do acervo da instituição e sua importância para o estudo da vida em nosso planeta, não apenas para cada disciplina específica. Durante o período de observação desta exposição (entre maio e agosto de 2017) foi possível notar uma diferença dos públicos entre esta e outras exposições do NMNH. Enquanto as exposições de longa duração têm ampla visitação com ênfase nas categorias de público familiar e escolar, a exposição *Objects of Wonder* tem seu público composto sobretudo por jovens e adultos – embora crianças frequentem a exposição com suas famílias.

Nessa exposição, a narrativa que guia a visita é mais livre do que as outras exposições do museu, que em geral tem uma ordem cronológica ou evolutiva (no caso das exposições com coleções biológicas). Nesse caso, a exposição apresenta diversos recortes temáticos – e não departamentais como normalmente ocorre. Um exemplo é a vitrine “O que faz as coisas serem azuis?”², composta por objetos etnográficos, rochas e animais, todos na coloração azul. Essa linha com vitrines temáticas, sem sequência fechada e pré-determinada é seguida ao longo da exposição inteira. Mesmo assim, a exposição propõe ao visitante um percurso no qual as vitrines são colocadas tanto ao longo das paredes das salas quanto no centro delas, na forma como o espaço físico permitiu. Essas vitrines são independentes entre si e trazem discussões individuais temáticas,

1 A interface desse sistema de realidade virtual foi desenvolvida por Loren Ybarrondo, responsável por tirar fotografias de alta resolução em 360º e montá-las em um sistema de tour virtual no qual o visitante consegue, por meio do mouse do computador girar, aproximar e se deslocar pela da exposição. O tour da exposição *Objects of Wonder* pode ser visitado até o momento da conclusão deste artigo no endereço <<https://s.si.edu/3fV5ZXu>>. As outras exposições de longa duração também podem ser visitadas no site no NMNH.

2 Título original “What makes things blue?” (tradução livre da autora).

de modo a permitir um circuito episódico, ou seja, a escolha do visitante.

Essa proposta de visitação é beneficiada pela escolha estética dos realizadores da exposição, favorecendo a visibilidade. A sala é ampla, sem janelas e escura. O forro em preto e o piso grafite escuro – feitos de modo a não serem ressaltados – contrastam com a iluminação artificial dirigida aos objetos, aos elementos expográficos e às paredes. A coloração ocre-alaranjado das paredes ajuda a difundir luz suavemente no espaço, dando conforto para os visitantes caminharem. Essas características visuais estimulam a admiração estética dos objetos e atraem a atenção dos

visitantes (Fig. 1). A sala é subdividida em cinco grandes espaços, cada uma com vitrines em tom marrom e iluminadas focalmente. A exposição apresenta um esquema cromático composto pelo ocre-alaranjado das paredes, que traz leveza e luz. O marrom das bases das vitrinas fixa essas estruturas no piso com pouco contraste perante as letras claras contrastantes com o fundo colorido dos textos (Fig. 2, 3 e 6).

Os espaços da exposição apresentam vitrines com diferentes temáticas, em um total de 21 temas principais (alguns com subdivisões próprias contempladas em diferentes vitrines) (Tab.1). Algumas dessas vitrines temáticas serão descritas analiticamente a seguir.

Título original do tema	Título traduzido do tema	Número de vitrines
Where do we get our collections?	De onde vêm as nossas coleções?	6
Bringing secrets to light	Trazendo segredos para a luz	4
What do collections tell us?	O que nossas coleções nos dizem?	2
Same object different perspectives	Mesmo objeto diferentes perspectivas	1
What makes things blue?	O que faz as coisas serem azuis?	2
Dazzling diversity	Diversidade deslumbrante	3
Revitalizing cultures	Revitalizando culturas	2 e 1 vídeo
Collecting then and now	Coletando antes e agora	1 vitrine grande no centro da sala
Human actions: helpful or harmful?	Ações humanas: úteis ou prejudiciais?	2
Eureka! New discoveries at the museum	Eureka! Novas descobertas no museu	1
Celebrating creativity	Celebrando a criatividade	7
Pick me! Pick me!	Me escolha! Me escolha!	1
How to make a shell	Como fazer uma concha	1
I wonder...	Eu me pergunto...	6
Old objects, new knowledge	Velhos objetos, novos conhecimentos	1
Finding unexpected connections in our collections	Encontrando conexões inesperadas nas nossas coleções	3
Linking nature and culture	Ligando a natureza e cultura	3
Our collections are vast and constantly growing	Nossas coleções são vastas e em crescimento constante	1

Título original do tema	Título traduzido do tema	Número de vitrines
Finding patterns everywhere	Encontrando padrões em todos os lugares	1
What do these objects have in common?	O que esses objetos têm em comum?	1
All collections start somewhere	Todas as coleções começam em algum lugar	1

Tab. 1. Lista de seções temáticas da exposição *Objects of Wonder*.

Inicialmente, chamamos a atenção para o fato de que cada tópico do desenvolvimento conceitual da exposição está colocado com uma pergunta, ou se inicia no gerúndio,

dando a ideia de processo, ou é uma frase afirmativa. Em outros termos, não há títulos, mas chamadas objetivas e escritas para facilitar a leitura, mesmo a certa distância.



Fig. 1. Visão geral da exposição *Objects of Wonder*.

Fonte: Autora, 2017.

O acervo exposto é composto por animais taxidermizados e em meio úmido³, minerais e rochas, ilustrações científicas, plumárias e cerâmicas indígenas, esculturas, imagens e lâminas de microscopia, além de fotografias e depoimentos em vídeo de indígenas que explicam ao visitante como funciona o relacionamento entre elas e o NMNH. Essa diversidade de acervo é reflexo

direto da própria natureza da instituição, algo inerente a um museu de história natural nos Estados Unidos.

A exposição abre com a pergunta “De onde vêm as nossas coleções?”, que apresenta a prática de coleta científica realizada pelo museu. Também são lembradas outras formas de aquisição de acervos, como doações por outros colecionadores ou presentes recebidos pelo governo e colocados aos cuidados do museu. O primeiro objeto da coleção antropológica do museu, que está na vitrine “De onde vêm as nossas coleções? – itens

³ Coleções zoológicas em meio úmido são armazenadas em potes de vidro ou plástico e imersas em álcool etílico 70° GL ou glicerina, a depender do animal armazenado.

confiscados”⁴, é de um ornamento de cabeça feito de penas de aves e algodão oriundo da região da floresta amazônica equatoriana, que chegou ao museu após ser confiscado pelo Serviço dos Estados Unidos de Pesca e Vida Selvagem⁵ nos anos de 1940.

O segundo objeto antropológico é um presente diplomático que o presidente Theodore Roosevelt recebeu do imperador japonês em 1905. A lenda da armadura de samurai presenteada propõe que o visitante compare essa vitrine com as outras e note que ela é mais escura que as demais, trazendo em seguida uma explicação do motivo. Essa lenda é uma das várias que propõem uma conversa com o visitante.

A exposição traz também os remanescentes humanos do naturalista Robert Kennicott, que coletou diversos espécimes biológicos para o museu entre 1852 e 1866. Atendendo a pedido dele, a instituição recebeu seus remanescentes após a sua morte, que fazem parte da coleção de antropologia forense do NMNH. Este é um ponto mais sensível da exposição, cabendo lembrar a política do Smithsonian sobre a exposição de remanescentes humanos.

Os museus da Smithsonian Institution já tiveram mais de 35 mil remanescentes de indígenas. A descoberta desse fato pelo líder espiritual Cheyenne Willian Tallbull, em 1986, foi uma das forças motrizes para a aprovação, em 1989, da National Museum of the American Indian Act (NMAIA) e posteriormente, em 1990, do Native American Graves Protection and Repatriation Act (NAGPRA) (McKeown & Hutt 2008). Tanto o NMAIA (que abrange todos os museus da Smithsonian Institution) quanto o NAGPRA (que abrange todos os museus que recebem fundos federais) são legislações que preveem a repatriação desses remanescentes para as comunidades identificadas e legalmente reconhecidas, além da retirada definitiva

da área expositiva daqueles que não foram reclamados. Dentre os que foram identificados, a maioria foi devolvida para seus descendentes ou comunidades – ou organizações, no caso havaiano – com a filiação cultural mais próxima (United States 1990). Já outros foram deixados pelos grupos aos cuidados do museu, com a condição de que os líderes espirituais pudessem manter uma rotina de rituais. De uma forma ou de outra, a partir da aprovação do NMAIA e do NAGPRA, os remanescentes humanos indígenas não são mais colocados em exposição em nenhum museu da Smithsonian Institution ou qualquer outro museu que receba fundos de origem federal.

Entretanto, esses não são os únicos remanescentes humanos dentro do museu. O NMNH tem coleção de múmias egípcias que ainda estão em exposição ao público, além de uma coleção de remanescentes humanos do departamento de antropologia forense⁶ – embora não estejam em exposição, permanecendo na reserva técnica. Tanto as coleções egípcias quanto as de antropologia forense não são previstas no NAGPRA. Portanto, não estão subordinadas a uma legislação que encaminhe sua repatriação ou não-exposição – algo que depende exclusivamente da decisão do museu. Embora seja pouco comum, as coleções forenses do museu podem incluir esses remanescentes nas exposições, desde que tenham uma autorização dos familiares mais próximos ou, como é o caso de Kennicott, um testamento afirmando o desejo em ter seus remanescentes doados ao museu para a exposição. Na ocasião em que visitamos o museu, este era o único remanescente humano da coleção forense em exposição no museu.

Continuando a exposição, o próximo tema que traz objetos antropológicos é “O que nossas

4 Título original “Where do we get our collections? – Confiscated items” (tradução livre da autora).

5 Nome original do departamento “U.S. Fish and Wildlife Service” (tradução livre da autora).

6 O departamento de antropologia forense do NMNH tem mais de 30 mil remanescentes humanos representantes das mais variadas populações ao redor do globo. Essa coleção é mantida para a continuidade dos estudos de anatomia forense. Além da proposta de pesquisa científica do departamento, por vezes esse já foi chamado pelas forças policiais para realizar os estudos necessários (Smithsonian Institution 2021b).

coleções nos dizem?”, no qual são apresentadas as coleções de cerâmica Zuni. Esta vitrine é utilizada para separar dois ambientes, mas contém a mesma temática em ambos os lados (Fig. 2). Vinte cerâmicas são colocadas nesta grande vitrine para mostrar ao visitante como

as equipes de antropologia do museu estudam os patrimônios culturais de outros povos. Aqui, a legenda também exibe uma conversa entre um membro do *pueblo* Zuni e um antropólogo do museu, que apontam a relevância dessas cerâmicas em estudos culturais.



Fig. 2. Vitrine “What do our collections tell us?”.
Fonte: Autora, 2017.

A vitrine temática “O que faz as coisas serem azuis?” engloba a própria proposta da exposição: evidenciar a relação do mundo natural com o ser humano por meio das coleções do NMNH. A vitrine traz dez borboletas azuis, um galho com frutos azuis iridescentes, um ovo com pigmentos azuis, alguns minerais de tom azulado (uma opala, um lápis lazúli, e um berilo azul, também conhecido como água marinha) e um vaso de vidro de cobre romano colorido com pigmento azul – a legenda comenta pontualmente como a tonalidade é obtida da natureza para colorir objetos fabricados pelo ser humano.

A exposição apresenta então algo mais ligado às interações interpessoais entre funcionários do museu e membros de grupos indígenas. A vitrine “Revitalizando culturas” traz uma discussão sobre como a colonização e a globalização afetaram as práticas tradicionais de povos indígenas e como as coleções do museu são utilizadas hoje por essas comunidades para reavivarem suas práticas ainda presentes em suas memórias.

Nela, é exposto ao visitante um peso de rede de pescaria dos Wanapum, povo indígena da região do rio Columbia, Estados Unidos, que foram forçados a deixar suas terras na década de 1940 devido à construção de usinas de plutônio ligadas ao Projeto Manhattan. Por causa desse deslocamento, os Wanapum perderam suas ferramentas de pesca tradicionais. No ano de 2015, membros desse povo visitaram o museu para estudar um dos poucos pesos de redes remanescentes visando reintroduzir essa prática em seu território⁷. O programa *Recovering Voices*, da Smithsonian Institution, é utilizado para aproximar os museus da instituição com diferentes povos indígenas. A exposição também apresenta um vídeo no qual pesquisadores do museu e membros dos grupos indígenas falam sobre suas experiências dentro e fora do NMNH (Fig. 3).

⁷ Estas informações estão disponíveis nas legendas e textos da exposição.



Fig. 3. Vitrine e vídeo “Revitalizing cultures”.

Fonte: Autora, 2017.

O maior objeto na exposição, que alcança o ponto mais alto da sala, é um dos poucos pontos em que o visitante é convidado a se sentar e observar uma peça do acervo. Trata-se de uma fachada pintada pelo povo indígena Tsimshian (Fig. 4), coletada em 1875 na Columbia Britânica, Canadá, e é o objeto principal do setor “Celebrando a criatividade”. Nele, o visitante é apresentado ao costume de pintar as casas com a história de determinado clã e outros costumes desse povo. Esse setor lembra aos visitantes que o museu não coleciona apenas descobertas científicas, mas que também estuda a própria experiência humana. Outros objetos indígenas são trazidos com o objetivo de demonstrar o potencial criativo humano – como um disco em calcário com entalhe de uma mão, uma capa de escudo indígena, uma estatueta epiolmeca, máscaras cerimoniais africanas e americanas, uma placa em cobre do povo Etowah. Uma vitrine nesse setor, “Celebrando a criatividade – para o registro” faz um questionamento sobre o motivo dos seres humanos registrarem acontecimentos diversos e quais foram as principais ferramentas para isso. São mostradas tabuletas, placas, uma fotografia, um livro e uma pintura em pele

de cervo comissionada por um antropólogo do Smithsonian em 1904 que ilustra a importância de certa cerimônia do povo Kiowa.

Na vitrine “Objetos velhos, novos conhecimentos”, o visitante é apresentado a duas jarras de cerâmica de *pueblos*, um coral fossilizado e amostras de cera de ouvido de baleia são apresentadas na vitrine para discutir as novas pesquisas realizadas com objetos que fazem parte do acervo do museu há anos.

Já a vitrine seguinte, “Em movimento”⁸ (uma subdivisão do tema “Encontrando conexões inesperadas nas nossas coleções”) traz uma reflexão sobre a mobilidade que sempre existiu entre culturas no mundo. O objetivo é apresentar objetos que foram criados em um local, mas encontrados em outro – como pequenos modelos de navios em bronze da cultura nurágica, da região da Sardenha, Itália, mas que foram encontrados na Espanha; ou um colar de esmeralda mineirada na Colômbia, enviada para a Espanha, entalhada na Índia, adornada com diamantes na França e comprada por uma mulher nos Estados Unidos – tudo esse processo durou aproximadamente três séculos.

8 Título original “On the move” (tradução livre da autora).



Fig. 4. Vitrine “What do our collections tell us?”.
Fonte: Autora, 2017.



Fig. 5. Vitrine “Dressed to impress”.
Fonte: Autora, 2017.

O setor “Ligando a natureza e cultura”
exibe duas vitrines principais, “Vestido
para o combate”⁹ e “Vestido para

impressionar”¹⁰. Na primeira vitrine,
um capacete de combate adornado com a
pele espinhosa de um peixe-balão e uma

9 Título original “Dressed for combat” (tradução livre da autora).

10 Título original “Dressed to impress” (tradução livre da autora).

“Nossas coleções pertencem a vocês também”

R. *Museu Arq. Etn.*, 39: 111-127, 2022.

armadura com espada adornada com dentes de tubarão propõem uma reflexão sobre como a natureza é reutilizada pelo ser humano para servir a um propósito semelhante. Já na segunda vitrine, um traje de chefe havaiano adornado com penas coloridas de aves. Ao lado dele, aves semelhantes às utilizadas para a fabricação do traje são expostas para que o visitante reflita em como a natureza inspira a criatividade humana (Fig. 5).

A exposição é finalizada com um painel apresentando os novos itens adicionados

às coleções, que continuam crescendo. O visitante também é lembrado que todas as coleções começam pequenas. A última vitrine da exposição, “Nossas coleções são vastas e em crescimento constante”, apresenta alguns representantes das primeiras coletas realizadas por pesquisadores e que catalogados no museu em cada departamento (Fig. 6). Também nesse último espaço está quatro computadores com as coleções digitalizadas para o acesso dos visitantes.



Fig. 6. Vitrine “Our collections are vast and constantly growing”.

Fonte: Autora, 2017.

Um tour digital para uma exposição

Conforme citado anteriormente, pouco depois do NMNH fechar suas portas devido à pandemia da covid-19, um tour digital pelas exposições disponíveis foi executado e ficou disponível para visitação pelo site do museu (Objects of Wonder 2021). Em 2021, os sites da Smithsonian totalizaram uma média de 20 milhões de acessos por mês¹¹ (Smithsonian Institution 2022). Já na página do NMNH,

¹¹ Cabe lembrar que a Smithsonian Institution não faz uma separação dos acessos aos sites de seus diferentes museus. Portanto, os dados apresentados pelos relatórios anuais são apenas os unificados entre as diferentes páginas disponíveis.

são encontrados tours online de diferentes exposições atualmente em exposição e algumas antigas. No caso da *Objects of Wonder*, as fotografias para o desenvolvimento do tour foram tiradas em 2018. A exposição ficaria disponível para visitação física até 2019, entretanto, a pandemia causou uma primeira mudança nesse cronograma (primeiro para 2021, e depois até 2025), além da inclusão da visitação virtual.

No espaço online, o visitante tem menor autonomia de percurso, chegando inclusive a não visualizar alguns trechos da exposição. Nela, o visitante tem a possibilidade de entrar e dar zoom em todos os objetos expostos em quatro das seis salas de exposição (Fig. 7).

As imagens do tour permitem aos visitantes virtuais ampliar as imagens, podendo dar uma maior ênfase em uma vitrine de sua escolha, bem como ler os textos em painéis e legendas.

Esse formato de visitação online simula a sensação da visitação e gera um sentimento de imersão na exposição, o que a diferencia de simples fotografias do acervo.



Fig. 7. Visão da entrada da exposição no tour virtual.
Fonte: Objects of Wonder (2021).

Embora não seja um equivalente direto à visita ao espaço expositivo, a proposta virtual é uma opção válida para conhecer o museu, além de manter o propósito da exposição de aproximar o museu do público. Depois da digitalização dos tours, o NMNH também digitalizou alguns outros por algumas áreas de reserva técnicas, espaços antes não visitáveis.

O que aprendemos com experiências como essa?

A vida nos museus é muito mais dinâmica do que se pensa. Por fora, essas instituições centenárias passam uma ideia de imutabilidade e impeniência, o que as torna ainda mais distantes e inacessíveis.

Zavala (2003) apresenta dois paradigmas na comunicação museológica que devem ser trazidos para a discussão. O primeiro é de um modelo tradicional de comunicação que visa a obtenção de conhecimentos pelo visitante, com enfoque no próprio conteúdo exposto.

Esse tipo de modelo é o que ocorre nos museus tidos “imutáveis”, que se prendem ao seu modo antigo de fazer exposições. Um segundo paradigma, surgido nas últimas décadas, argumenta que a exposição é o diálogo dos visitantes com o museu. Portanto, o importante na exposição seria o público perceber as diferentes realidades que podem ser apreendidas por meio da cultura material e pelas estratégias comunicativas diversificadas e criativas.

Baseada em Zavala (2003), Cury (2011) afirma que hoje vivemos uma transição entre esses dois modelos (o tradicional do século XIX e o emergente e em construção), e relembra a importância de diferentes exercícios metodológicos nesse momento de transição.

Exposições como a *Objects of Wonder*, que tentam aproximar os visitantes dos processos curatoriais da instituição, podem ser vistas como um exercício que tenta algo novo dentro do espaço tradicional dos museus de história natural. O abismo que existe entre museu e público aumentou ao longo dos anos porque a sociedade também mudou. Dessa forma,

os esforços da instituição devem dar respostas sociais relevantes.

Um ponto importante, principalmente em museus nacionais, é a identificação com o que é exposto na exposição. As coleções dos museus nacionais existem na comunicação para as relações dialógicas. Essas coleções ajudam a contar narrativas históricas e contribuem para um senso de pertencimento tanto de uma nação quanto de públicos diversos no próprio museu. Esses museus pertencem à sociedade na sua pluralidade.

A exposição *Objects of Wonder* abre e se encerra com a afirmação “Nossas coleções pertencem a vocês também”¹², lembrando aos visitantes que entram na sala que o museu não é dono dos objetos do acervo, mas sim responsável pela sua salvaguarda deles, para que eles estejam disponíveis às futuras gerações. Entretanto, não basta o museu manter o seu acervo conservado para serem vistos no futuro, é necessário que o museu também pense em narrativas que possam ser propostas no presente.

Toda exposição é uma retórica, tem alguma intenção. Nenhum discurso é vazio, e, mesmo se assim fosse, o próprio vazio teria um significado. Segundo Davallon (2010), o museu deve estar atento sobre qual é o discurso por baixo do discurso expositivo, isto é, qual a real intenção de uma fala. Para Cury (2005), sempre há um discurso por trás do discurso. A equipe de desenvolvimento de exposições deve ter um segundo ponto em mente: quais as expectativas dos públicos? O museu deve escutar os visitantes em constantes ciclos de trocas. Existe uma curiosidade do público sobre a vida dos objetos por trás das vitrines, e esse é um anseio que pode ser respondido pelo museu, como devem ser revelados os motivos que sustentam a musealização. Dessa forma, os discursos trazidos pelo museu deixam de ser fechados em si, hegemônicos e autoritários, para se tornarem democráticos e multi-vocais.

Assim, podemos entender o discurso trazido na exposição *Objects of Wonder* como

uma estratégia de democratizar o acesso dessas coleções nacionais – que podem fazer parte do imaginário da população. A organização da exposição propõe uma maior autonomia aos visitantes. Não é necessário seguir um percurso ou se preocupar se a ordem de acompanhamento das vitrines está correta, cada visitante é livre para andar e ver o que lhe interessar. Até mesmo a saída da exposição pode se tornar a entrada, onde, em vez dos tipos de coletas de objetos formarem essas coleções, o visitante é apresentado primeiro à ideia de que o museu não é estático, que continua crescendo e se adaptando. É pelas vitrines temáticas organizadas episodicamente que estão as possibilidades de criativas conexões pelos visitantes, em seu próprio ritmo e interesse.

As diferentes relações propostas pelos objetos de diferentes departamentos também propiciam o questionamento das divisões disciplinares como elas realmente são: artificiais. O mundo do ser humano é afetado pelo mundo natural, e vice-versa. Não vivemos isolados. Logo, nossas conexões não podem ser simplificadas ou ignoradas. *Objects of Wonder* propõe essa reflexão ao visitante por meio de vitrines temáticas direcionadas por perguntas centrais.

Quanto à temática antropológica, a exposição faz uma divisão em dois principais momentos históricos – o presente e o passado de grupos indígenas. As vitrines que tratam sobre o programa *Recovering Voices* nos lembram que os grupos indígenas persistem e resistem, apesar de todas as adversidades. Ao comunicar sobre as lutas enfrentadas pelas culturas indígenas contemporâneas, a exposição busca um questionamento por parte dos visitantes sobre a própria marginalização dos indígenas pela sociedade. Já as vitrines que propõe uma reflexão sobre o passado desses povos antes da chegada dos europeus no continente americano, lembram o costume de contar histórias em cerâmicas e construções, mas principalmente as diferentes formas com que o mundo era visto e entendido – diferentes cosmovisões.

Contudo todas essas discussões são propostas dentro do ambiente de uma exposição de história

12 Título original “Our collections belong to you, too” (tradução livre da autora).

natural, na qual o ser humano é entendido como parte da natureza. Esse entendimento é problemático, principalmente quando tratamos de povos indígenas, até hoje vistos como separados do convívio urbano por muitos. O *Recovering Voices*, embora pertença à Smithsonian Institution como um todo, tem como base central o National Museum of the American Indian, e, portanto, os pesquisadores que de fato tratam com estes grupos estão em outra instituição, não no NMNH, algo que acaba por prejudicar a narrativa expositiva na instituição.

Apesar disso, a principal intenção por trás dessa exposição é avançar na direção dos visitantes do NMNH em uma tentativa de tornar o museu, seu acervo e sua prática mais acessíveis. O museu não deve ser um local

de simples contemplação, mas um fórum, um espaço para troca de conhecimentos e de experiências que enriquecem a experiência humana. Não se trata de uma palestra, mas de diálogo, no qual até mesmo o museu pode aprender algo novo. A recepção pelos visitantes foi tão positiva que o museu prolongou sua permanência, algo raramente feito pelos museus da Smithsonian. Isso identifica um passo novo. Em vez de presumir, o museu parou para ouvir o que os públicos gostariam de saber. Essa quebra de barreiras pode parecer pequena, mas a exposição *Objects of Wonder* foi uma das primeiras exposições em que o NMNH revelou sua vida secreta e na qual nos deparamos com a pergunta central proposta pela exposição: qual seria o real motivo do museu existir?

BOMBONATO, Rebeca. "Our collections belong to you, too": an analysis of the exhibition *Objects of Wonder* of National Museum of Natural History. *R. Museu Arq. Etn.*, 39: 111-127, 2022.

Abstract: Who are the museums made for? This question causes great debates within civil society, but how do museums approach this topic? Museums were created to be visited, to communicate something to the public, and to be a place of experience exchange. Not only do they promote research and preservation activities, but also communicate the knowledge generated by scientific research. The numerous researches carried out in museums contribute to develop human knowledge, but what would be the real scope of this knowledge? Would it remain contained within the walls of the museums and the universities? Thinking of this scope, we bring the exhibition *Objects of Wonder* to the National Museum of Natural History, in Washington DC. Open for in-person visits in 2017, this exhibition aims to discuss with the visitor the origin and the uses of the objects that are part of the collections under the museum's custody. By using thematic showcases, the exhibition introduces the visitor to the different departments of the museum and discusses the process of knowledge generation by its collections. This article analyzes this exhibition, from its structure to the discourses involved, with special emphasis on the communicational function of museums.

Keywords: Objects of Wonder; Exhibition; National Museum of Natural History; Museum Communication.

Referências bibliográficas

Benchetrit, S.F. 2010. Os museus e a comunicação. In: Magalhães, A.M.; Bezerra, R.Z.; Benchetrit, S.F. (Eds.).

Museu e comunicação: exposições como objeto de estudo. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 11-15.

“Nossas coleções pertencem a vocês também”

R. Museu Arq. Etn., 39: 111-127, 2022.

- Bergeron, Y. 2009-2010. Los museos y la crisis: tendencias en los museos norteamericanos. *Revista de la Subdirección General de Museos Estatales* 5/6: 58-67.
- Bombonato, R.R. 2020. Duas leis, um museu: o caso do National Museum of the American Indian, o Native American Graves Protection and Repatriation Act e o National Museum of the American Indian Act. *Revista de Arqueologia* 33(3): 242-256.
- Cury, M.X. 2005. *Comunicação museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cury, M.X. 2011. Museus em transição. In: Sistema Estadual de Museus (Sisem-SP) (Org.). *Museus: o que são, para que servem?* Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, São Paulo, 17-28.
- Davallon, J. 2010. Comunicação e sociedade: pensar a concepção da exposição. In: Magalhães, A.M.; Bezerra, R.Z.; Benchetrit, S.F. (Eds.). *Museu e comunicação: exposições como objeto de estudo*. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 16-34.
- Dias, J.B. 2019. Histórias contadas: análise de uma experiência entre os Anishinabe. *Horizonte Antropológico* 53: 257-281.
- Ferguson, B.W. 1996. Exhibition Rhetorics: Material Speech and Utter Sense. In: Greenberg, R.; Ferguson, B.W.; Nairne, S. (Eds.). *Thinking About Exhibitions*. Routledge, London, 126-136.
- Hooper-Greenhill, E. 1994. *Museums and Their Visitors*. Routledge, London.
- Keene, S. 2005. *Fragments of the World: Uses of Museum Collections*. Elsevier Butterworth-Heinemann, Oxford.
- Lima, L.P. 2016. A arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no centro-oeste de São Paulo e norte do Paraná: questões preliminares. In: Cury, M.X. (Org.). *Direitos indígenas no museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. Secretaria da Cultura, São Paulo, 115- 127.
- Lima, L.P. 2020. A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais. In: Cury, M.X. *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. Secretaria da Cultura e Economia Criativa, São Paulo, 201-218.
- Livne, I. 2016. Nature and Culture in Museums: An Introduction. *Journal of Museum Ethnography* 29: 3-10.
- McKeown, C.T.; Hutt, S. 2003. In the Smaller Scope of Conscience: The Native American Graves Protection and Repatriation Act Twelve Years After. *UCLA Journal of Environmental Law and Policy* 21(3): 153-212.
- Objects of Wonder. 2021. Disponível em <<https://s.si.edu/3fV5ZXu>>. Acesso em: 15/06/2021.
- Oehser, P.H.; Heskett, L. 2019. *The Smithsonian Institution*. 2. ed. Routledge, New York.
- Sheets-Pyenson, S. 1986. Cathedrals of Science: The Development of Colonial Natural History Museums During the Late Nineteenth Century. *History of Science* 25: 279-300.
- Smithsonian Institution. 2021a. A Brief History of NMNH. Disponível em: <<https://s.si.edu/3yGpppD>>. Acesso em: 23/06/2021.
- Smithsonian Institution. 2021b. Forensic Anthropology. Disponível em: <<https://s.si.edu/3ThUojj>>. Acesso em: 23/06/2021.
- Smithsonian Institution. 2022. Management's Discussion and Analysis FY2021. Disponível em: <<https://s.si.edu/3MsJLZ8>>. Acesso em: 02/10/2022.
- United States. Nov. 1990. Public Law 101-601 – Native American Graves Protection and Repatriation Act. Disponível em <<https://bit.ly/3SYd5sU>>. Acesso em: 04/09/2020.

Weil, S. 1990. Rethinking the Museum and Other Meditations. Smithsonian Institution Press, Washington, 57-61.

Zavala, L. 2003. La educación y los museos en una cultura del espectáculo. In: *Anais do 2º Encontro Nacional ICOM/CECA México*, 2001, Zacatecas.